

DIANTE DA CRISE



Copyright © 2021, Daniel Pinha, Géssica Guimarães & Marcelo de Mello Rangel (org.)

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
- Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)
- Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP)
- Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
- Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

DANIEL PINHA
GÉSSICA GUIMARÃES
MARCELO DE MELLO RANGEL
(*Organizadores*)

DIANTE DA CRISE

Teoria, história da historiografia e ensino de história hoje



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Filipe Queiroz Salvador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D538 Diante da Crise: teoria, história da historiografia e ensino de história hoje/ Daniel Pinha, Gêssica Guimarães, Marcelo de Mello Rangel (Organizadores).
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
242 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-80-4

1. Teoria da História 2. Historiografia 3. Ensino de História I. Pinha, Daniel
II. Guimarães, Gêssica III. Rangel, Marcelo de Mello
IV. Título.

CDD 901.02

SUMÁRIO

Apresentação7

Daniel Pinha, Gêssica Guimarães & Marcelo Rangel

Parte I

Teoria da história, temporalidade e acontecimento

A *HISTORIA MAGISTRA VITÆ* e a corrosiva semântica da dúvida17

Temístocles Cezar

Dos futuros passados aos futuros possíveis: uma leitura de Reinhart Koselleck e Ewa Domanska 31

Thamara de Oliveira Rodrigues

A aposta emancipatória pelo acontecimento (Alain Badiou, Slavoj Žižek e Daniel Bensaïd) 43

Livia Esmeralda Vargas-González

Ativismo, movimentos sociais e politização do tempo: possibilidades dos feminismos no Brasil contemporâneo..... 51

Gêssica Guimarães & Luisa Rauter

Ambivalências do corpo nu: polêmicas culturais no Brasil pós-golpe71

Eduardo Ferraz Felipe

PARTE II

HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA E OUTRAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS

Por uma História Intelectual a contrapelo: história, modernidade e anticolonialismo no pensamento político-social brasileiro 87

Cairo Barbosa, Gabriel Mello & Renan Moraes

Ensino e cidadania, redemocratização e descolonização 99

Francisco Gouvea de Sousa

Transformation.....	113
<i>Ana Mónica H. Lopes</i>	

Parte III

Ensino de História e vidas que importam

Vidas que importam! Biografia e ensino de História na Educação Básica	127
<i>Edson Guimarães Azeredo, Fernanda Nascimento Crespo & Márcia de Almeida Gonçalves</i>	

Produzindo narrativas e memórias decoloniais no ensino de História	149
<i>Helena Maria Marques Araújo</i>	

O AVESSE DO MESMO LUGAR: homens e mulheres negros e negras no ensino de história.....	159
<i>Renata Figueiredo Moraes</i>	

Perigos e potencialidades da lei 11.645/08	173
<i>Thais Elisa Silva da Silveira</i>	

Parte IV

Mapas e caminhos para a pesquisa histórica

Construção de si e conhecimento histórico: o caso do pintor expressionista Emil Nolde.....	187
<i>Verena Alberti</i>	

Entre mapas e roteiros: história, cinema e cidade	203
<i>Carlos Eduardo Pinto de Pinto</i>	

Para além das pesquisas sobre as relações de gênero: perspectivas de enfrentamento das desiguais relações de gênero no ambiente acadêmico.....	213
<i>Amanda Danelli Costa</i>	

Formação e corrosão democrática no Brasil do tempo presente: desafios à história da historiografia e ao ensino de história.....	221
<i>Daniel Pinha</i>	

Sobre os autores.....	235
------------------------------	------------

APRESENTAÇÃO

Daniel Pinha

Géssica Guimarães

Marcelo Rangel

Diante da crise é como muitos de nós estamos nos sentindo ultimamente. Pelo menos desde as eleições de 2014 a sociedade brasileira tem experimentado transformações políticas e sociais significativas e algumas de suas consequências são a intensa polarização política, a degradação das relações de trabalho e retirada de direitos da classe trabalhadora e o avanço de ideias e partidos comprometidos com princípios conservadores e antidemocráticos. A pandemia provocada pelo coronavírus acentuou as marcas da crise. Consequência de todo este processo, a covid-19 - e a condução criminoso do governo brasileiro - já vitimou mais de 500 mil brasileiros e contribuiu para o agravamento da crise econômica expressa em 13,8 milhões de brasileiros e brasileiras desempregados, de acordo com dados do IBGE no trimestre junho-agosto de 2020, correspondendo a uma taxa de 14,4%, medida pela PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Não estamos apenas diante da tempestade, estamos no olho do furacão.

O livro que agora oferecemos ao público leitor não é um “aviso de incêndio”, ele é uma ação/reação aos tempos nos quais vivemos. Aqui reunimos ensaios de historiadoras e historiadores que refletem sobre Teoria da História, História da Historiografia e Ensino de História em meio às grandes transformações que atravessamos, dialogando com os desafios deste mundo em constante aceleração. A reunião das autoras, dos autores e de suas ideias não é aleatória, ela resulta do encontro físico - neste momento impossibilitado pelo isolamento social imposto pelo combate à disseminação da covid-19, papel fundamental que tem sido exercido pelas escolas e universidades na proteção das vidas do povo brasileiro. Foram nas atividades promovidas pelo *II Encontro de Pesquisa*

em Teoria da História e História da Historiografia, no campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que as ideias aqui registradas ganharam corpo, forma e calor humano.

O Encontro de Pesquisa em Teoria da História e História da Historiografia surgiu em 2017, como fruto de uma parceria entre os laboratórios COMUM (Comunidade de Estudos de Teoria da História e Historiografia da UERJ) e NEHM (Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade da UFOP). As razões para a criação do evento se justificavam nos debates e reflexões que tomavam força nos campos de História da Historiografia e da Teoria da História, acreditando que o espaço de troca é essencial para nossa contínua formação enquanto historiadores e professores de História, além de fomentar a formação dos estudantes da graduação e da pós-graduação. Além disso, apostamos em um formato de evento no qual os estudantes se sentissem mais inseridos nas atividades, e não apenas ouvintes. As modalidades de participação oferecidas têm como objetivo encorajar os estudantes à participação ativa, por meio dos debates de seus projetos em elaboração, dos resultados de pesquisas em andamento e espaços de trocas de experiências e aprendizado coletivo. Atuando como mediadores, os docentes abrem espaço para que o protagonismo do evento seja dos estudantes e jovens pesquisadores. A parceria com outros grupos de pesquisa como Nubhes (Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades da UERJ), o Lethis (Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia da UFES), a linha de “História, relações de poder e região” do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA e o Grupo de Pesquisa em Teoria e História da Historiografia da UNESP- Campus de Franca, bem como o apoio do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – UERJ conferiu maior densidade e amplitude aos debates e às propostas político-pedagógicas que motivam o evento.

O tema do evento, “Pesquisa e Ensino de História em tempos de crise democrática” evidenciou uma vontade compartilhada por professores e alunos da comissão organizadora de pensar e reagir à crise, utilizando os instrumentos de que dispomos em nosso ofício, isto é, pesquisando, debatendo ideias e produzindo conhecimento. A ideia de pensarmos a crise imersos nela advém de uma decisão teórico-histórica: assumir o risco de investigar um fenômeno histórico em sua inconclusão e diante de um futuro aberto de possibilidades. No fundo, nós não estávamos

lidando com o futuro enquanto espaço de conforto e realização de nossas expectativas, ou seja, aguardando a sensação de crise superada. Estava em jogo, também, um tipo de engajamento na atuação do(a) historiador(a) e do(a) professor(a) de história que envolvesse a combinação entre uma necessidade de intervenção no presente e a desconfiança no futuro. A sensação compartilhada, portanto, era da necessidade de agir, como cidadãos e especialistas em história, assumindo a responsabilidade de conferir tratamento especializado sobre a crise democrática, a partir dos critérios e protocolos de verdade caros à nossa área disciplinar. Um tema tão sensível a nós e que nos afeta enquanto sujeitos políticos, buscando meios para não assistirmos à derrocada do projeto de história que acreditamos, assentado em princípios e valores democráticos.

Pois bem, do intervalo de realização do evento, em outubro de 2019, para a realização deste livro, ao longo de 2020, mais uma vez, o futuro nos mostrou que tínhamos razão em desconfiar tanto dele. Vivemos agora uma experiência inédita e inimaginável em qualquer configuração de presente anterior ao nosso: em meio a pandemia de coronavírus, em condição que afeta absolutamente todas as esferas da vida em sociedade. No caso brasileiro, lamentamos não apenas as mortes e as medidas de isolamento social, mas também por notarmos que as circunstâncias sociais que envolveram a pandemia explicitaram e aprofundaram a crise dos valores e da cultura democrática entre nós. O governo Bolsonaro perdeu a oportunidade de realizar um grande pacto nacional em nome do combate ao vírus, propondo uma trégua ao clima de polarização em nome de um interesse comum de combater o vírus. Em sentido contrário, ele extravasou a experiência da crise, pautando suas ações (e inações) no negacionismo científico e promovendo constantes ameaças institucionais de golpe e intervenção militar. Disparou *fake news*, ofereceu falsas curas, minimizou os efeitos da pandemia - promovendo aglomerações e incentivando a invasão de hospitais, para ficarmos em dois exemplos - normalizando a morte das mais diversas maneiras. Como se apenas isso não bastasse, tais discursos e práticas contam com o apoio de segmentos sociais expressivos. Na pandemia a sociedade brasileira conviveu, ainda, com o aprofundamento da violência policial mobilizada por propósitos racistas, aumento da violência contra mulheres, o desmatamento e danos ambientais em larga escala. Em suma, de um ano para o outro, parecem ter se multiplicado os efeitos da crise e a urgência em pensar e agir diante dela.

O livro que ora apresentamos não é só um registro de algumas das discussões ocorridas no *II EPETH*, ele também é compromisso com o nosso tempo, através de uma disposição reflexiva e crítica sobre a importância da história e do ensino de história para a sociedade brasileira. É *diante da crise* que nos posicionamos, e o (a) leitor(a) poderá notar ao longo dos textos que deste lugar é possível imaginar outros futuros.

Nosso livro está dividido em quatro seções. Na primeira delas, *Teoria da história, temporalidade e acontecimento*, foram reunidos ensaios marcados pelos debates acerca do estatuto epistemológico da história, as diferentes temporalidades e o acontecimento e sua potência política. Temístocles Cezar inaugura o livro com uma reflexão sobre as formas da *historia magistra vitae* e a “corrosiva semântica da dúvida”, notas de sua pesquisa sobre o pensamento histórico e a produção historiográfica no Brasil oitocentista. Cezar nos propõe pensar sobre o papel da “dúvida cética” na produção de conhecimento sobre o passado, especialmente em um regime historiográfico ainda marcado pela exemplaridade. Thamara de Oliveira Rodrigues parte das reflexões Reinhart Koselleck e Ewa Domanska para pensar caminhos para as humanidades no século XXI, buscando na atuação do grupo de Moradores de Bento Rodrigues, distrito de Mariana soterrado pelos rejeitos de minério após a queda da barragem de Fundão da Vale/BHP, o entendimento sobre a construção de *futuros possíveis*. Livia Esmeralda Vargas-González, por sua vez, analisa o potencial disruptivo das rebeliões populares e, em diálogo com Alain Badiou, Slavoj Žižek e Daniel Bensaïd, envereda por uma análise dos sentidos políticos do acontecimento, bem como sua carga de descontinuidade e potencialidade emancipatória no presente. Luisa Rauter e Géssica Guimarães assinam juntas um ensaio que toma os movimentos de mulheres no Brasil contemporâneo como ponto de análise das teorias de um “futuro fechado” como signo dos nossos tempos. Ideias como *presentismo* e *presente amplo* são confrontadas com o ativismo político feminista e com as novas formas de ocupação do espaço público que tem apontado para a abertura de horizontes na disputa por passados e por futuros outros. Eduardo Ferraz Felipe reflete sobre as “ambivalências do corpo nu” na sociedade brasileira a partir de polêmicas, exposições de arte como o *Queermuseu*, encenações teatrais em peças de Zé Celso e como a reação conservadora à nudez opera por meio de uma

imediate leitura da nudez como sexualidade. “Guerras culturais” no Brasil contemporâneo que apontam para temporalidades cruzadas nas quais o projeto conservador tem disputado o poder.

Na segunda seção, os(as) autores(as) se dedicam a pensar sobre a história da historiografia enquanto campo aberto de investigações, capaz tematizar *outras histórias possíveis*, fraturando perspectivas tradicionais e construindo outras formas de compreensão da historiografia em sua historicidade. O texto de Cairo Barbosa, Gabriel Mello e Renan Moraes examina percursos traçados por Manoel Bonfim, Guerreiro Ramos e Antonio Candido para apontar possibilidades de uma história intelectual a contrapelo, em termos benjaminianos, capaz de expressar uma fértil combinação entre experiência da modernidade no contexto brasileiro e anticolonialismo. Em “Ensino e cidadania, redemocratização e descolonização” Francisco Gouvea investiga o conceito de cidadania como estruturante para as reflexões e práticas do ensino de história forjadas no contexto da redemocratização brasileira, apontando, por outro lado, os limites deste conceito diante da necropolítica operada pelo Estado brasileiro, à luz das reflexões do filósofo camaronês Achille Mbembe. Ana Monica Lopes também aponta na direção de outras histórias possíveis, dessa vez para investigar disputas de memória e apropriações políticas do espaço público sul-africano para projetar futuros pós experiência do apartheid.

Na terceira seção, intitulada “Ensino de História e vidas que importam” - em alusão ao movimento “Vidas negras importam”, central em nossa experiência de crise - reunimos textos que empreendem o debate crítico sobre a história ensinada, investindo em um reposicionamento de lugares dos sujeitos narrados nas aulas de história. Mulheres, negros e indígenas encontram, agora, novas possibilidades de abordagem, em conexão com as demandas contemporâneas por maior protagonismo destes grupos nos espaços sociais. No texto de Edson Azeredo, Fernanda Crespo e Marcia Gonçalves, os autores partem da indagação sobre biografias de vidas precárias/precarizadas pelas assimetrias sociais de gênero, classe e raça - para investir na potencialidade historiográfica de aulas de história que narram as vidas de duas mulheres negras, Carolina Maria de Jesus e Laudelina de Campos Mello. Helena Araujo, por sua vez, analisa as aberturas permitidas pela perspectiva decolonial no campo do ensino de história, articuladas a histórias e memórias outras, em contraposição ao

paradigma curricular tradicional eurocêntrico, propondo a mobilização de novos saberes e uma reconfiguração de identidades. Renata Moraes avança na tematização da história negra nas escolas, em particular dos negros na história do Brasil, considerando o caminho aberto pela Lei 10639/03 e a intensificação do olhar sobre a agência destes sujeitos nos mundos do trabalho e da cultura. No artigo de Thais Elisa Silveira encontramos uma reflexão sobre o ensino da história indígena a partir dos limites e possibilidades da Lei 11645/08, perguntando sobre os sentidos atribuídos aos povos indígenas na história, destacando o quanto eles já foram abordados na história da historiografia e o ensino de história, redobrando o desafio sobre como tratá-los.

Na quarta e última seção, reunimos trabalhos que traçam “Mapas e caminhos para a pesquisa histórica”, à luz destes nossos tempos de crise. Verena Alberti parte do estudo de caso do pintor expressionista alemão Emil Nolde para pensar o estatuto da verdade historiográfica amparada em fontes e metodologia e as contribuições da pesquisa histórica para o enfrentamento de regimes autoritários. Carlos Eduardo Pinto dedica-se a mapear as interfaces entre história, cinema e cidade, a partir da análise de filmes de curtas-metragem que tratam da experiência urbana na cidade de São Paulo, apontando caminhos para a pesquisa. Amanda Danelli indaga sobre a desigualdade de gênero expressa na produção acadêmica e científica, considerando por um lado a abertura e crescimento das pesquisas sobre gênero e, por outro, a subvalorização deste tema, motivada por duas condições: pelo debate sobre gênero ser conduzido no âmbito das humanidades e pelas condições estruturais de uma sociedade persistentemente patriarcal. Por fim, fechando a seção e a coletânea, Daniel Pinha apresenta os desafios impostos às tarefas de pesquisar e ensinar história no ambiente de corrosão democrática no Brasil do Tempo Presente, considerando os enlaces acumulados entre historiografia (acadêmica e escolar) e perspectiva democrática.

O II EPETH teve a alegria de homenagear a professora Lúcia Maria Paschoal Guimarães, grande referência para a pesquisa e os estudos em História da Historiografia Brasileira. Historiadora pioneira, professora dedicada e querida pelos seus estudantes, primeira presidenta e co-fundadora da Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da

Historiografia, as contribuições de Lúcia Guimarães para a historiografia nacional são incontáveis e somente cabe a nós o reconhecimento de sua importância e da grandiosidade de sua obra. Mais uma vez, gostaríamos de manifestar nossos agradecimentos por tantos anos de dedicação à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à escrita da história em nosso país.

Não teria sido possível a realização do II EPETH sem atuação dedicada da Comissão Organizadora do evento, que foi formada por Bárbara Cunha, Caroline Rios, Daniel Pinha, Gécica Guimarães, Laura Paiva, Maíra Marinho, Marcelo de Mello Rangel e Pedro Torres. Nossos sinceros agradecimentos!

